



**Educação,  
Formação &  
Crioulidade**

6 e 7 de julho  
em Cabo Verde

**Corpolítica: diálogos  
sobre gênero,  
sexualidade, raça e  
direitos com jovens em  
espaços urbanos  
periféricos no Distrito  
Federal.**

Desde já os autores pedem desculpas pela grande quantidade de leitura nesta apresentação, e justificam que por ela ser virtual sem a presença dos mesmos fica mais difícil explicar desde os pontos mais simples aos mais complexos, e que a mesma acaba sendo não mais que um breve resumo do artigo completo. Todavia indicamos a leitura do artigo completo e em caso de maiores inquietações que entre em contato conosco.

# Introdução

A presente pesquisa busca trazer a baila a relevância da extensão universitária para o currículo, bem como para formação social dos indivíduos que a compõem, subjetivamente, com a exposição de experiências, desafios e aprendizados que a extensão pode possibilitar.

O trabalho teve como enfoque estudantes universitários que participam do projeto de extensão da Universidade de Brasília (UnB), Corpolítica, que tem sua temática voltada à promoção de diversidade e direitos à população LGBT em áreas Periféricas de Brasília, Capital da República Federativa do Brasil, localizada no Distrito Federal brasileiro.

Para a obtenção dos resultados, foram utilizadas as metodologias de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Na pesquisa bibliográfica, procura-se trabalhar com os ensinamentos dos livros, além de outras fontes, como revistas, artigos, trabalhos acadêmicos, que podem vir a servir para compilar os saberes e finalizar com a elaboração de um texto.

Enquanto que na pesquisa de campo, o pesquisador tem como objetivo a persecução dos fatos para a retenção de informações de possíveis fontes que figuram a possibilidade da solução da problemática, como exemplo de fontes para pesquisa de campo temos as pessoas. (VELOSO, 2011)

Desta forma, dividiu-se a pesquisa em dois momentos, o primeiro refere-se à pesquisa bibliográfica, com coleta dados, através de livros, cujos autores estão no rol das referências bibliográficas, ao mesmo tempo que também foram utilizadas as informações contidas no Sistema de Extensão (SIEX) da UnB.



No segundo momento, corresponde à pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas mediante formulários tendo como público-alvo 9 (nove) integrantes da Corpolítica vinculados a Universidade de Brasília UnB, que expuseram suas subjetividades por meio das questões suscitadas pelos pesquisadores. Assim, a pesquisa e seus resultados terão como norte os métodos de exploração bibliográfica e de campo.

**A extensão como elo dos  
saberes  
acadêmico-populares**

A extensão universitária faz parte do tripé acadêmico consagrado pela Constituição da República Federativa do Brasil (1988), que em seu artigo 207 estabelece para as universidades o dever de cumprimento ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

A extensão deve ser vista como um canal de comunicação para estreitar o relacionamento da universidade com a sociedade, superando o conteúdo de uma educação “bancária, domesticadora e alienante”, a qual a extensão possa conduzir. (FREIRE, 1976) Destaca-se que o educador deve debater com o público protagonista o liame entre os saberes comunitários e os conteúdos acadêmicos, para que seja formada uma intimidade entre os saberes da universidade e a experiência social de cada indivíduo (FREIRE, 2007).

Considera-se, inclusive, que a extensão tem como dever o respeito pelo saber popular da comunidade, principalmente no que se refere aos contextos culturais em que se inserem, vez que é a partir dessas subjetividades culturais que os indivíduos, através das vivências, constroem seu próprio conhecimento. (FREIRE, 2000)

E são por intermédio destas perspectivas de Ser, de diferentes sujeitos, que os extensionistas precisarão buscar compreensão das distintas existências e dialogar na linguagem do outro, caso contrário, tratar-se-á de colonização, com a histórica e tradicional imposição do que a Academia acha ser o melhor para as massas populares. (FREIRE E BETO, 2001)

**Corpolítica: um projeto de subversão aos sistemas tradicionais de poder.**

A Corpolítica tornou-se projeto de extensão da Universidade de Brasília (UnB) no ano de 2016, sob o título "Corpolítica: diálogos sobre gênero, sexualidade, raça e direitos com jovens em espaços urbanos periféricos no Distrito Federal", vinculada ao Decanato de Extensão (DEX) da UnB.



Consta no Sistema de Extensão (SIEEX), da mencionada Universidade, a Proposta de Ação de Extensão nº 55211, que vem detalhar a atuação da Corpolítica enquanto projeto de extensão com seus objetivos, métodos e aplicações.

Em referência ao próprio enunciado que a Corpolítica trouxe à proposta de extensão, o projeto realizou atividades como rodas de conversa e oficinas artísticas cujas temáticas versaram sobre territorialidade, gênero, sexualidade, raça/etnia, direitos de minorias e identidades de lésbicas, gays, bissexuais e pessoas transexuais, travestis e transgêneras (LGBTs), tendo como público alvo os jovens e adultos das Regiões Administrativas periféricas do Distrito Federal.

A Corpolítica compreendeu a extensão universitária como uma possibilidade de diálogos e uma potencialidade através do método de aprendizagem com a permuta de saberes da Academia-Comunidade.

Foram escolhidos como locais de atuação nos dois semestres do ano de 2016 as regiões de Ceilândia e São Sebastião, localizadas em pontos periféricos do DF, que possuem vidas culturais próprias com espaços organizados por membros da comunidade. Desta forma, a Corpolítica estabilizou-se em locais que já possuíam atividades anteriores, como o Espaço Jovem de Expressão e a Casa Frida, respectivamente às regiões mencionadas.

A escolha de regiões periféricas distintas se deu em virtude de que a procura por igualdade e justiça social consiste em uma política urbana autônoma e que as devidas mudanças políticas e sociais se fazem em diferentes territorialidades. (BIZZOTTO, NASCIMENTO E GONÇALVES, 2014)

Dentre os objetivos propostos no SIEX, salienta-se a produção de conteúdos informativos sobre direitos humanos e cidadania para a população LGBT, haja vista que as pessoas periféricas deste grupo são mais vulneráveis e a informação se torna algo primordial, um instrumento de conscientização para a comunidade respeitar e promover os direitos humanos para aquela população.

A proposta do projeto de extensão Corpolítica têm como matrizes teóricas os pensamentos de Paulo Freire e Guacira Lopes Louro. Ambos trabalham com a ideia de romper com a concepção de ensino em que há hierarquia de saber, prestigiando outras construções de conhecimento. Tal qual entender a educação como uma ferramenta de transformação social só é possível a partir do momento em que os agentes envolvidos têm igual autonomia para refletir e complexificar o lugar no mundo em que ocupam assim como as possibilidades de ressignificá-lo.

(FREIRE, 2007)

Enquanto que a Teoria Queer surge no projeto em razão das especificidades do público alvo: pessoas LGBTQs e periféricas, ao tempo em que a sociedade lê seus corpos como "estranhos" e dissidentes perante os saberes normativos, como os saberes da Medicina, Psicologia, Jurídica e Educação. Faz-se necessário extrair dessas diferenças um potencial para fissurar esses dispositivos discursivos que tentam ditar normas para a existência, sejam elas as formas de sexualidade ou de gênero. (LOURO, 2001)



Concernente a sua metodologia, foram escolhidas: rodas de conversa; história de vida; escuta sensível e oficinas participativas. O método "rodas de conversa" permite que o aprendizado aconteça em interação dialógica. Que funciona a partir de uma escuta atenciosa dos relatos do outro, o que provoca uma aproximação dos participantes, reduzindo a sensação de solidão e fortalecendo a união, sendo estes os resultados das trocas de vivências.

Trata-se de um vínculo psicológico-social, cujo método promove a reflexão dos participantes sobre como o cotidiano, e as relações com o mundo, seja no mercado de trabalho, ou nos relacionamentos familiares, por exemplo, atingem o imaginário e as intenções individuais. Desta maneira, supõe-se a presença de um elo entre o externo e o interno, entre o social e o pessoal. Portanto, as transformações em relação às desigualdades de classe, as questões raciais, de gênero e sexualidade sempre ocorrerão de forma subjetiva e comunitária (AFONSO & ABADE, 2008).

No que diz respeito ao método, “História de Vida”, este proporciona aos sujeitos narrarem suas próprias histórias, ressignificarem os atos de violência e preconceito os quais já presenciaram e/ou foram vítimas. As histórias impulsionam a identificação entre os sujeitos participantes, fazendo com que estes se reconheçam nas situações relatadas. (SILVA ET AL, 2007)

Deste modo, é cedido o lugar do saber àqueles que falam de suas vivências, que ao relatarem suas histórias, os sujeitos ganharão espaço de fala e passam a se ver como possuidores de suas próprias narrativas, com capacidades para transformá-las.

No que diz respeito ao método, “História de Vida”, este proporciona aos sujeitos narrarem suas próprias histórias, ressignificarem os atos de violência e preconceito os quais já presenciaram e/ou foram vítimas. As histórias impulsionam a identificação entre os sujeitos participantes, fazendo com que estes se reconheçam nas situações relatadas. (SILVA ET AL, 2007)

Deste modo, é cedido o lugar do saber àqueles que falam de suas vivências, que ao relatarem suas histórias, os sujeitos ganharão espaço de fala e passam a se ver como possuidores de suas próprias narrativas, com capacidades para transformá-las.

Deste modo, é cedido o lugar do saber àqueles que falam de suas vivências, que ao relatarem suas histórias, os sujeitos ganharão espaço de fala e passam a se ver como possuidores de suas próprias narrativas, com capacidades para transformá-las. Pois, ao recepcionar as histórias do contador, os ouvintes passam por um processo de identificação, seguido de uma valoração sobre o caminho mais estratégico a ser tomado, para que mudanças sejam feitas. (SILVA ET AL, 2007)

Pertinente dizer a respeito da metodologia da “Escuta Sensível” que consiste na compreensão do outro ao auxiliar uma prática de convivência respeitosa entre os indivíduos de um grupo e transfigurar as histórias e relatos de cada um em aprendizados. A partir do relato de vivências de cada pessoa, unido a conceitos e proposições trazidos pelo saber popular e urbano, pela comunidade acadêmica e, também, pela atuação em movimentos sociais, cada pessoa instiga a outra a falar e a escutar os posicionamentos divergentes.



Cria-se, então, uma dialética social a qual se constrói com o compartilhamento de situações cotidianas e de estudos, capaz de ressignificar acontecimentos e construir planos e soluções político-jurídicas, a fim de transformar realidades. (BARBIER, 2004)

O método de “Oficinas Participativas” está presente nos estudos de Délcia Enricone e Marlene Grillo (2005), que permite a produção do conhecimento, de feição coletiva, pois parte do princípio de que todos têm a aprender e a ensinar de estilo diferenciado. Por ser uma metodologia participativa, os envolvidos estão implicados como sujeitos e agentes, bem como aprendem a realizar um trabalho interdisciplinar de forma integradora.

Portanto, a Corpolítica buscou uma extensão que trabalhe nos moldes da educação popular inspirada por Paulo Freire, sendo norteados por uma proposta pedagógica que tem a intenção de transformar a realidade. Buscamos "uma nova cultura de conhecimento" (MENDES, 2010), bem como atender as necessidades de classes sociais diversas. Com esse novo formato de educação o paradigma tradicional da educação é rompido, uma vez que a educação popular interage com a realidade socioeconômica de cada grupo.

Ressaltando que a educação popular não rompe com o conhecimento científico, o objetivo é a inserção de outras produções de conhecimento alternativas, onde a pluralidade está sempre presente e atuante. Portanto, o pressuposto principal da educação popular é ressignificar o sistema cultural, para que seja construído um projeto de cidadania na sociedade brasileira (MENDES, 2010).

**Voz aos extensionistas**

A pesquisa é de abordagem qualitativa, que segundo Gonsalves (2011), tem o ambiente natural e o pesquisador seus instrumentos fundamentais. Configura-se como estudo de caso e exploratória. Estudo de caso porque se ocupou em compreender e interpretar o fenômeno, que leva em consideração o significado que os outros dão às suas práticas.

E segundo a mesma autora, é um estudo empírico, que analisa um fenômeno dentro do seu contexto de realidade, utilizando de várias fontes de evidência. É também exploratória, porque tenta elucidar e se aproximar da realidade dos extensionistas, porém é um início de pesquisa, que incita aprofundamentos futuros.

O formulário aplicado foi dividido em 6 seções cada uma contendo um aglutinado de questões, com a utilização da ferramenta Formulários Google, cujas seções e questões são:



# Sessão 1 Dados Pessoais

1.1 “Nome (civil ou social completo)”;

1.2 “Gênero”;

1.3: “Orientação Sexual”;

1.4 “Raça/etnia”;

1.5 “Curso”;

# Sessão 2 Sobre a Corpolítica

2.1 “O que é a Corpolítica?”;

2.2 “O que é a Corpolítica, para você?”;

2.3 “Como ela surgiu?”;

2.4 “Quem a compõe?”;

2.5. “De que forma pode se participar?”;

2.6. “Em uma única palavra, defina a Corpolítica, e a partir de outra perspectiva qual seria a definição que um público externo daria à Corpolítica?”;

# Sessão 3 Sobre a Corpolítica e Extensão

- 3.1 “Como a Corpolítica se tornou extensão?”;
- 3.2 “Para você o que é extensão?”;
- 3.3 “Qual a relevância da extensão universitária para a sua formação acadêmica?”;
- 3.4 “Existem dificuldades na atuação da extensão Corpolítica, se sim quais seriam?”;

# Sessão 4 Sobre a Corpolítica, seus objetivos e atuação

4.1 “Quais são os objetivos ou/e projetos da Corpolítica?”,

4.2 “Parte ou total desses objetivos ou/e projetos já foram alcançados?”,

4.3 “Qual a atuação da Corpolítica?”;

4.4 “Por que essa atuação é importante”;

# Sessão 5 Sobre a Corpolítica, seus eventos, parcerias e colaboradores

5.1 “Como funciona os eventos da Corpolítica?”;

5.2 “Qual foi o principal ou seu evento favorito da Corpolítica?”;

5.3 “A Corpolítica tem parcerias? Se sim, quem são?”;

5.4 “Como essas parcerias funcionam?”;

5.5 “A Corpolítica tem colaboradores? Se sim, quem são?”;

5.6 “Como essa colaboração funciona?”;

# Sessão 6 Sobre a Corpolítica e suas curiosidades

6.1 “Comente curiosidades”.

Foram entrevistados 9 (nove) membros ativos do projeto extensão Corpolítica, 7 (sete) alunos de graduação e 2 (dois) alunos pós graduação, da Universidade de Brasília, os quais responderam os formulários com as seções e questões acima mencionadas.

Para análise desse texto foram selecionadas as seções 2, 3, 4, 5 e 6, e foram agrupadas suas questões por temas, as questões 2.1 e 2.2 da seção 2, as questões 3.2, 3.3 e 3.4 da seção 3, as questões 4.1 e 4.2 da seção 4, as questões 5.3 e 5.4 da seção 5, e a questão 6.1 da seção 6. As demais questões das seções 1, 2, 3, 4 e 5 não foram analisadas para esse texto.



As questões 1 e 2 da seção 2 versam sobre o que é a Corpolítica e como é vista individualmente por seus membros. Foi perguntado aos entrevistados: “O que é a Corpolítica?” e “O que é a Corpolítica, para você?”. As respostas obtidas entre os entrevistados foram uníssonas no sentido que a Corpolítica é uma Coletiva LGBT e Projeto de Extensão.

Entretanto, a visão individual do que se tornou o projeto é única, como se exemplifica na resposta a seguir dada por uma aluna do Mestrado em Saúde Coletiva: *“Uma família maluca, na qual aprendo muito e que há uma troca muito legal de conhecimento. É mais do que um projeto de extensão, é um resgate da minha identidade, é o amor à minha história, ao meu corpo, à minha orientação sexual. [...]”*.

Nas questões 2, 3 e 4 da seção 3, quando perguntado: “Para você o que é extensão?”, “Qual a relevância da extensão universitária para a sua formação acadêmica?” e “Existem dificuldades na atuação da extensão Corpolítica, se sim quais seriam?”, as respostas do que é extensão vão ao encontro com as teorias de Paulo Freire, quando dizem que é uma forma de ultrapassar os limites da universidade, troca de conhecimentos e saberes, respeitando o saber popular.

Por exemplo, a resposta de uma aluna do curso de Ciência Política: *“Máxima. Não teria a mínima condição de poder me chamar algum dia uma boa cientista política se não tivesse me dedicado à extensão.”*, também foi pontuado que a extensão ainda é vista como o pilar menos importante do tripé acadêmico que compõem a universidade, o que nas palavras dos extensionistas não se sai da universidade sem ensino e pesquisa, mas que é comum alunos saírem sem ter tido a experiência de extensão.

As questões 1 e 2 da seção 4 dita os objetivos e projetos, e se os mesmos estão sendo alcançados. Foi questionado: “Quais são os objetivos ou/e projetos da Corpolítica?” e “Parte ou total desses objetivos ou/e projetos já foram alcançados?”, das respostas pode-se entender que os objetivos são bem gananciosos a longo prazo, uma vez que pretendem a popularização dos debates sobre gênero, sexualidade, raça e etnia em todos os espaços periféricos do DF, como também construir uma sociedade mais igualitária e proporcionar acolhimento de pessoas socialmente excluídas.

Sobre o que está sendo alcançado, pode-se perceber exemplificado na resposta de um aluno do curso de Gestão de Políticas Públicas: “[...] *apesar de os objetivos serem um tanto quanto abstratos e difíceis de mensurar, acredito que a coletiva já fez com que muitas pessoas se sentissem pertencentes ao espaço, e que em todas as ocasiões onde houveram violações de direitos humanos em nossas cidades a gente lutou em defesa das minorias.*”, os avanços são existentes.

O apoio à projetos de extensão são fundamentais, e as questões 3 e 4 da seção 5 versam a respeito disso, onde se perguntou: “A Corpolítica tem parcerias? Se sim, quem são?” e “Como essas parcerias funcionam?”. Percebeu-se que a formação de rede e de apoio que a Corpolítica têm conseguido é impressionante, com uma longa lista de parcerias compostas por professores da UnB e da rede de educação do DF, que na Universidade atua em conjunto com a Diretoria da Diversidade, em apoio e participação das Semanas Temáticas da UnB como as Paradas do Orgulho LGBT.

Também há parcerias com outros coletivos, como as AFROBIXAS e Aflora, e de espaços culturais, como Jovem de Expressão, Casa Frida e Mercado Sul. Dentre tantas parcerias, há de se ressaltar as atividades em conjunto com a Organização das Nações Unidas (ONU), por meio da qual alguns membros da Corpolítica já fizeram parte da campanha Livres & Iguais e atividades com órgãos da própria ONU, como a UNICEF, para criação de políticas públicas para adolescência LGBT, ...



... as parcerias com ONGs, como o Instituto de Estudos Socioeconômicos (INESC), onde a Corpolítica atuou no Grito das Periferias, com intervenção artística. Essas parcerias são de extrema relevância para a promoção de diálogos, tanto com quem mora na periferia quanto os agentes que atuam em conjunto com a Corpolítica, bem como as próprias membras da coletiva e extensão.

Tratou-se a seção 6 de uma questão facultativa, sobre compartilhar com o entrevistador curiosidades acerca da Corpolítca. Sendo revelado pelos entrevistados que o projeto conta com produções culturais de zines, fotografias, “lambe-lambes”, intervenção urbana onde já realizaram em praça pública um mutirão de casamentos simbólicos, como ato político, contando com a participação e organização de saraus.

Relatam também a oportunidade de duas viagens internacionais uma para Finlândia e outra para o México, para eventos sobre juventude LGBT, e também uma viagem nacional para o Rio de Janeiro (RJ), para um debate televisivo a respeito de evasão escolar de jovens LGBTs, gravado e disponibilizado pelo Canal Futura.

# Considerações Finais

De todo o analisado, depreende-se que o projeto de extensão Corpolítica tem o intuito de se constituir como um espaço de abertura para vozes plurais, não obstante silenciadas por violências, sejam elas físicas, simbólicas ou psicológicas. Percebeu-se que o projeto visou, e ainda visa mobilizar diferentes grupos das comunidades periféricas para atuarem com união, e juntos entenderem o lugar do outro no mundo.

A Corpolítica demonstrou que a extensão carrega uma potência para uma sociabilidade afetiva de desconstrução e reconstrução das formas tradicionais de saber. No mesmo momento em que potencializa a democracia ao trazer debates de reconhecimento e respeito aos direitos humanos para as camadas mais vulneráveis oriunda de múltiplos conflitos sociais.

A pesquisa destaca que extensão quando bem pensada e executada pode vir a ser uma troca entre a universidade e a comunidade em que ambas são fortalecidas e crescem, evidenciando que a relevância da extensão para a formação universitária é tão grande quanto as demais partes do tripé que a sustenta. A troca e interseccionalidades de saberes estão para além dos institutos e departamentos dos campi universitários. A Corpolítica é um exemplo do que é extensão e de como se pode trazer à sociedade a redemocratização do conhecimento.

**Cordiais agradecimentos**



Agradecemos encarecidamente à todas as membras “corpoliticanas” por fazerem esse maravilhoso projeto existir, em especial as membras que responderam ao formulário de pesquisa e assim ajudaram essa pesquisa existir.

Agradecemos também aos espaços culturais Jovem de Expressão, Casa Frida e Mercado Sul, por receberem tão bem a Corpolítica e juntos terem dividido momentos únicos de afeto, discussão e empoderamento.

Agradecemos também aos professores da UnB e da rede de educação do DF, por sempre que possível estar conosco e nos convidarem para estar com vocês.

Agradecemos também ao INESC - Instituto de Estudos Socioeconômicos pelas oportunidades e por sempre que possível estarem conosco e nos apoiando.

Agradecemos também à ONU - Organização das Nações Unidas em especial à campanha Livres & Iguais e ao órgão UNICEF, pelas oportunidades e por sempre que possível estarem conosco e nos apoiando.

Por fim, agradecemos também a todos e todas que acompanharam até o fim a presente apresentação virtual, e agradecemos a oportunidade da exposição.

**Contatos**

# Autores

Gabriel Santos Pereira  
gabrielsp-g13@hotmail.com

Evandro Charles Piza Duarte  
evandropiza@gmail.com

Jeferson Cardoso Oliveira  
jerfersoncardosooliveira@gmail.com



# A Corpolítica

Facebook

<https://pt-br.facebook.com/corpolitica>

Tumblr

<http://corpolitica.tumblr.com>